ISSN: 2358-8829

PROCESSOS, PRÁTICAS E DESAFIOS PEDAGÓGICO-MUSICAIS NA REATIVAÇÃO DO NÚCLEO DE ARTE DO IFRN CAMPUS APODI[1]

Francisco Vanderson Gomes Bezerra [2]
José Magnaldo de Moura Araújo [3]

INTRODUÇÃO

A Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica foi instituída com a finalidade de articular ensino, pesquisa e extensão em diálogo com os arranjos sociais e culturais dos territórios em que seus campi se inserem (Brasil, 2008b). Nessa concepção, a arte e a cultura integram o projeto de formação humana integral, entendido como desenvolvimento articulado das dimensões intelectual, estética, ética, técnica e política dos estudantes (Frigotto, 2012; Saviani, 2008). No Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN), os Núcleos de Arte (NUARTE) são os espaços em que essa concepção ganha materialidade cotidiana, por meio de grupos artísticos, oficinas e ações de difusão cultural.

No Campus Apodi, situado no semiárido potiguar, o NUARTE atravessou um período de baixa atividade, condição associada à existência de um único docente de Arte no campus, responsável pelas disciplinas do Ensino Médio Integrado e por projetos de ensino, pesquisa e extensão. A retomada das atividades, no primeiro semestre de 2026, foi viabilizada por uma parceria com a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), por intermédio do Departamento de Artes e da Diretoria de Educação a

---

[1] Trabalho resultante das ações dos projetos de extensão "NUARTE em Ação: formação, produção e difusão cultural no IFRN Campus Apodi" (Edital nº 01/2026-PROEX/IFRN, Fluxo Contínuo) e "Banda Meu Chapa em Rede: jovens, smartphones e criação musical na cultura participativa digital em escolas públicas" (Edital nº 05/2026-PROEX/IFRN, Apoio aos Núcleos de Artes, com fomento da PROEX/IFRN), desenvolvidos em parceria com o Festival Escolar de Música da UERN (FEMUERN).

[2] Graduando do Curso de Licenciatura em Música da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, vandersongomes22@outlook.com;

[3] Professor orientador: Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará - UFC, docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - IFRN, Campus Apodi, magnaldo.araujo@ifrn.edu.br.

ISSN: 2358-8829

Distância (DEaD). A parceria possibilitou a inserção de um estagiário da Licenciatura em Música na modalidade a distância, vinculado ao Festival Escolar de Música da UERN (FEMUERN), que passou a colaborar na organização pedagógica das práticas musicais do núcleo e na integração do campus ao festival.

A reativação apoiou-se em dois projetos de extensão coordenados pelo professor de Arte do campus. O primeiro, NUARTE em Ação, propôs reestruturar o núcleo como um sistema contínuo de formação, produção e difusão cultural. O segundo, Banda Meu Chapa em Rede, tomou como núcleo formativo a banda Meu Chapa, grupo criado em 2018 por estudantes e pelo professor de Arte, cujo nome remete à Chapada do Apodi, e voltou-se à realização de recitais didáticos e oficinas de criação musical com smartphones em escolas públicas da região.

Ao ofertar duas frentes de prática musical coletiva, a banda e o coral, a equipe deparou-se com respostas muito distintas dos estudantes. Essa diferença motivou a questão que orienta este relato, a saber, como a parceria entre IFRN e UERN contribuiu para a retomada das práticas musicais do NUARTE e de que modo as percepções e motivações dos estudantes condicionaram os desafios pedagógicos e culturais do processo. O objetivo é descrever e analisar a reativação das atividades musicais do núcleo entre fevereiro e outubro de 2026, com atenção aos sentidos atribuídos pelos jovens às práticas ofertadas e às condições institucionais que sustentaram ou limitaram as ações.

Trata-se de um relato de experiência de natureza qualitativa, construído a partir dos formulários de inscrição dos estudantes, de registros de observação participante e dos relatórios de atividades dos projetos. A discussão dialoga com estudos sobre juventudes, educação musical e extensão. Os resultados indicam que os estudantes procuram o NUARTE como espaço de aprendizagem musical e, com igual força, de sociabilidade, expressão e pertencimento. Indicam também que a banda mobilizou alta procura, enquanto o coral teve baixa adesão, associada a representações do canto coral como prática religiosa ou excessivamente formal. Por fim, evidenciam que a continuidade das ações dependeu fortemente de bolsistas e do estagiário, o que expõe a fragilidade institucional de um núcleo conduzido por um único docente. Conclui-se que a escuta das culturas juvenis e a constituição de redes interinstitucionais são condições para a consolidação de práticas artístico-musicais na educação profissional.

ISSN: 2358-8829

METODOLOGIA

Este trabalho configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e caráter descritivo-analítico. O relato de experiência é compreendido como modalidade de produção de conhecimento que parte de uma vivência profissional ou acadêmica e a submete à reflexão crítica com apoio teórico e metodológico (Mussi; Flores; Almeida, 2021). A experiência relatada ocorreu no NUARTE do IFRN Campus Apodi, entre fevereiro e outubro de 2026, e envolveu estudantes dos cursos técnicos integrados ao Ensino Médio, o professor de Arte do campus e um licenciando em Música da UERN, autores deste texto.

O material empírico reuniu três conjuntos de registros. O primeiro corresponde aos formulários digitais de inscrição preenchidos pelos estudantes interessados nos grupos musicais, que levantaram preferências musicais, motivações para a adesão, conhecimentos prévios e disponibilidade de horário. O segundo provém da observação participante realizada pelo estagiário e pelo professor em ensaios, reuniões de mobilização e momentos de conversa informal com os estudantes, com anotações feitas ao longo do processo. O terceiro é formado pelos relatórios mensais de atividades dos projetos de extensão NUARTE em Ação e Banda Meu Chapa em Rede, registrados no sistema institucional de gestão de projetos, que documentam as ações realizadas, os grupos em atividade e as dificuldades enfrentadas.

A análise seguiu procedimentos da análise de conteúdo temática (Bardin, 2016). Após a leitura flutuante do conjunto, as respostas abertas dos formulários e as anotações de observação foram codificadas por recorrência de sentido e agrupadas em três categorias. A primeira trata da reativação como processo, com foco na parceria e na mobilização estudantil. A segunda aborda as motivações e as representações dos estudantes sobre a banda e o coral. A terceira reúne os desafios de sustentabilidade institucional das ações. Como os instrumentos não foram desenhados para tratamento estatístico, optou-se por uma apresentação qualitativa dos achados, sem quantificação das respostas.

Por tratar de situações que emergiram da prática profissional dos autores, analisadas de forma agregada e sem dados que permitam identificar os participantes, o trabalho enquadra-se nas situações que dispensam registro no sistema CEP/CONEP, conforme o artigo 1º, parágrafo único, inciso VII, da Resolução nº 510/2016 do Conselho

ISSN: 2358-8829

Nacional de Saúde (Brasil, 2016). Nenhum estudante é nomeado e não são utilizadas imagens dos participantes.

REFERENCIAL TEÓRICO

A presença da arte na educação profissional encontra fundamento na noção de formação omnilateral, que recusa a redução da escola ao treinamento para o trabalho e afirma a integração entre as dimensões intelectual, estética, ética e técnica da formação humana (Frigotto, 2012; Saviani, 2008). Sob essa perspectiva, as práticas artístico-musicais deixam de ser atividades acessórias e passam a constituir experiências formativas legítimas. A extensão amplia esse alcance quando é entendida como interação dialógica entre instituição e sociedade, indissociável do ensino e da pesquisa e comprometida com a formação do estudante (FORPROEX, 2012).

Compreender a adesão dos estudantes a essas práticas exige olhar para as juventudes como construção social e para os jovens como sujeitos que elaboram modos próprios de ser e de se relacionar (Dayrell, 2003; Pais, 2003). Dayrell (2007) argumenta que a escola tende a enxergar o aluno e a perder de vista o jovem, com suas sociabilidades, seus grupos e suas expressões culturais. Para Arroyo (2012), os saberes e as experiências que os educandos trazem disputam legitimidade no território do currículo. A música ocupa lugar central nesse universo, pois funciona como marcador de identidade, de pertencimento a grupos e de distinção entre eles, o que ajuda a explicar tensões recorrentes entre repertórios juvenis e cultura escolar (Arroyo, 2007; Dayrell, 2007).

No campo da educação musical, Swanwick (2003) defende que ensinar música musicalmente supõe tratá-la como discurso e respeitar o discurso musical que os alunos já trazem consigo. Green (2002), ao estudar músicos populares, mostra que eles aprendem escolhendo o próprio repertório, tirando músicas de ouvido e tocando com amigos, em processos nos quais a prática em grupo e o prazer de tocar caminham juntos. Essas características aproximam a banda escolar Meu Chapa do IFRN campus Apodi da ideia de comunidade de prática, na qual se aprende pela participação crescente em uma atividade compartilhada (Lave; Wenger, 1991).

O canto coral, por sua vez, é reconhecido pela literatura como prática de grande potencial educativo-musical e de integração social, acessível por não depender de instrumentos e favorável à construção de vínculos entre os participantes (Fucci Amato,

2007; Dias, 2012). A história do coro, contudo, liga-se fortemente a espaços religiosos e a modelos de ensaio centrados na autoridade do regente, o que pode alimentar, entre os jovens, imagens de formalidade e de distância em relação a seus repertórios culturais juvenis.

Para além disso, as práticas musicais juvenis são hoje atravessadas pela cultura participativa, em que os sujeitos produzem, remixam e fazem circular conteúdos em rede (Jenkins, 2009). Estudos da educação musical têm destacado que smartphones, plataformas e mídias sociais integram os modos pelos quais os jovens aprendem e criam música, de maneira multimodal e colaborativa (Araújo, 2023; Beltrame; Barros; Marques, 2023). Dessa forma, essas camadas da cultura juvenil influenciam diretamente as representações dos jovens sobre a prática musical, sobre o que é, de fato, para eles, uma experiência musical significativa.

Por fim, uma outra dimensão dessa discussão diz respeito a parceria que sustentou a experiência de estágio como campo de conhecimento e de aproximação refletida com a realidade profissional, vivenciada pelo licenciando em Música da UERN (Pimenta; Lima, 2017). A legislação brasileira define o estágio como ato educativo escolar supervisionado, desenvolvido no ambiente de trabalho (Brasil, 2008a). Contundo, quando o licenciando participa da gestão de um núcleo de arte, o estágio torna-se também experiência de mediação cultural, que requer disponibilidade para o diálogo e para a escuta dos educandos (Freire, 1996).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Parceria e mobilização na reativação do núcleo

A reativação teve início em fevereiro de 2026, com a organização do Laboratório de Música e uma campanha de divulgação por meio de cartazes, seguida de processos seletivos para a banda Meu Chapa e para o coral. O laboratório passou a funcionar diariamente, com dois estudantes bolsistas distribuídos nos turnos matutino e vespertino e com o acompanhamento do estagiário de Música. O Quadro 1 sintetiza as principais ações do período.

Quadro 1 - Ações do NUARTE do IFRN Campus Apodi entre fevereiro e outubro de 2026

Período	**Principais ações**
Fevereiro e março	Organização do Laboratório de Música, divulgação com cartazes, processos seletivos para a banda Meu Chapa e para o coral, funcionamento diário do laboratório com bolsistas e estagiário, apresentações em intervalos, em cerimônia de formatura e na abertura do período letivo
Abril e maio	Ensaios semanais, formação de novos grupos, intervenção musical no Dia da Diversidade, palestra e workshop sobre inteligência artificial na criação musical
Junho e julho	Consolidação do Intervalo Cultural, com edições semanais em julho, participação no arraiá do campus, estreia do podcast Palheta Perdida, preparação do repertório do recital didático do projeto Banda Meu Chapa em Rede.
Agosto e setembro	Retomada após as férias, encerramento das bolsas do projeto NUARTE em Ação, continuidade reduzida das atividades, com ensaios regulares da banda
Outubro	Apresentação artística da banda Meu Chapa e comunicação de trabalhos no XII CONEDU, em Campina Grande (PB), início das atividades do recital didático.

Fonte: elaborado pelos autores com base nos relatórios dos projetos de extensão (2026).

A mobilização foi expressiva. Em maio, os registros do projeto indicavam seis grupos em atividade, entre eles as bandas Meu Chapa e Immanuel, o grupo de teatro Dramatis e o podcast Palheta Perdida. Ao longo da execução, as ações alcançaram cerca de 250 pessoas da comunidade interna, entre integrantes dos grupos, frequentadores do laboratório e público das apresentações, número superior ao previsto no projeto.

Dois aspectos qualificam esse movimento. O primeiro é a autonomia estudantil, já que os ensaios eram organizados pelos próprios alunos, com apoio dos bolsistas e conforme a disponibilidade dos participantes. Essa dinâmica se aproxima dos modos de aprender dos músicos populares descritos por Green (2002) e da participação em comunidades de prática (Lave; Wenger, 1991). O segundo é o papel das metas públicas. A preparação para o FEMUERN, as edições do Intervalo Cultural e a apresentação no XII CONEDU deram direção aos ensaios e conferiram propósito coletivo ao trabalho dos grupos.

A parceria com a UERN foi decisiva nesse percurso. O estagiário assumiu tarefas de organização pedagógica das atividades musicais, acompanhamento de ensaios e apoio à gestão dos projetos, que o professor do campus não conseguiria acumular. Para o licenciando, a experiência representou contato com a docência, a produção cultural e a gestão de um espaço de arte em uma instituição pública, na direção do estágio como aproximação refletida da realidade profissional (Pimenta; Lima, 2017). Para o campus, significou a inserção em um circuito cultural mais amplo e o fortalecimento do caráter dialógico da extensão (FORPROEX, 2012).

ISSN: 2358-8829

Banda e coral, adesões desiguais

As respostas aos formulários e as conversas com os estudantes mostraram que a busca pelo NUARTE ultrapassa o interesse pelo aprendizado técnico de um instrumento. Os estudantes descrevem o núcleo como lugar de acolhimento, de construção de amizades, de expressão pessoal e de alívio das pressões da rotina acadêmica. O uso diário da sala para estudo, prática e convivência, registrado nos relatórios, reforça essa leitura. Tais sentidos confirmam a compreensão das práticas culturais como espaços de sociabilidade juvenil, nos quais o jovem se reconhece para além da condição de aluno (Dayrell, 2003, 2007). A comparação entre as duas modalidades ofertadas revelou forte contraste, sintetizado no Quadro 2.

Quadro 2 - Síntese das motivações e percepções dos estudantes sobre a banda e o coral

Dimensão	**Banda Meu Chapa**	**Coral**
Adesão	Alta procura no processo seletivo e ensaios contínuos ao longo do ano	Baixa procura, restrita a interesses pontuais
Motivações declaradas	Identificação com a música popular, desejo de tocar em grupo e busca de reconhecimento entre os pares	Aperfeiçoamento da técnica vocal e da percepção de timbres
Percepções dos estudantes	Prática dinâmica, jovem, flexível e próxima do cotidiano cultural	Prática associada à religião, à rigidez disciplinar, ao formalismo e a repertórios distantes

Fonte: elaborado pelos autores com base nos formulários de inscrição e nos registros de observação (2026).

A banda concentrou a procura. As motivações declaradas associam-se à identificação com a música popular, ao desejo de tocar em grupo e à valorização entre os pares. É plausível que a trajetória do grupo também pese nessa adesão, pois a banda existe desde 2018, tem visibilidade no campus e carrega uma memória compartilhada por sucessivas turmas de estudantes.

O coral teve baixa adesão. Os poucos interessados buscavam aperfeiçoar a técnica vocal, enquanto a maioria dos estudantes associou a proposta a práticas religiosas, à rigidez disciplinar e a um repertório distante do que escutam. Na relação de grupos em atividade registrada em maio, o coral infelizmente não aparece, pois a proposta não chegou a se consolidar no período.

Esse contraste não deve ser lido como desinteresse dos jovens pelo canto, presente nas bandas e nos momentos de karaokê realizados nos intervalos. O que os estudantes recusaram foi um formato, tal como o imaginam. As representações que cercam o coro,

ISSN: 2358-8829

ligadas à igreja e à solenidade, colidem com os marcadores de identidade que a música oferece aos jovens (Arroyo, 2007; Pais, 2003). A literatura mostra que o canto coral pode ser espaço de aprendizagem musical e de sociabilidade (Fucci Amato, 2007; Dias, 2012). Esse potencial, porém, só se realiza quando o grupo existe, e sua existência depende de que os estudantes se vejam nele.

A leitura pedagógica desse resultado pede cautela em duas direções. De um lado, ceder somente ao que já é familiar restringiria a experiência estética dos estudantes, o que contraria a própria ideia de formação ampliada. De outro, insistir em um modelo que os jovens percebem como alheio produz salas vazias. O caminho apontado por Swanwick (2003) é partir do discurso musical dos alunos para ampliá-lo. Na prática, isso sugere reconfigurar a oferta como grupo vocal de música popular, com repertório escolhido de forma participativa, arranjos próximos das referências juvenis e apresentações em espaços informais como o Intervalo Cultural.

O workshop sobre inteligência artificial na criação musical, o podcast e o projeto Banda Meu Chapa em Rede apontam outra via de aproximação. Ao reconhecer os smartphones e as plataformas como parte dos modos juvenis de aprender e criar música, o núcleo dialoga com a cultura participativa (Jenkins, 2009; Beltrame; Barros; Marques, 2023) e com uma compreensão multimodal da aprendizagem musical (Araújo, 2023), perspectiva que pode renovar também as práticas vocais.

Desafios de sustentabilidade institucional

O segundo semestre expôs a fragilidade das condições que sustentavam a reativação. Com o encerramento das bolsas dos estudantes vinculados ao projeto NUARTE em Ação, o funcionamento diário do laboratório e o acompanhamento dos grupos ficaram comprometidos. Em setembro e outubro, as atividades prosseguiram de forma reduzida, concentradas nos ensaios da banda Meu Chapa e na preparação para o XII CONEDU, e parte das oficinas, das apresentações e dos registros previstos não se realizou. A carga horária do coordenador, único professor de Arte do campus, não permitia assumir sozinho a condução de todas as frentes. No projeto Banda Meu Chapa em Rede, a articulação externa também mostrou limites, pois, das escolas públicas contatadas, duas formalizaram o termo de parceria, quando a previsão era de até quatro.

Esses dados indicam que a vitalidade observada no primeiro semestre resultou de um arranjo provisório, apoiado em bolsas de curta duração, em um estágio com prazo

ISSN: 2358-8829

definido e no acúmulo de funções por um docente. A parceria interinstitucional mostrou-se capaz de reativar o núcleo, embora insuficiente para garantir sua permanência. Se a arte é dimensão constitutiva da formação integral (Frigotto, 2012), sua oferta requer condições estáveis, como a ampliação do quadro docente, a previsão regular de estagiários de Música e o reconhecimento da carga horária dedicada à coordenação do núcleo. Sem isso, os núcleos de arte permanecem dependentes do esforço individual e sujeitos a ciclos de ativação e interrupção.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência relatada mostrou que a parceria entre o IFRN Campus Apodi e a UERN foi determinante para a retomada das práticas musicais do NUARTE. A presença de um licenciando em Música somou-se ao trabalho do professor do campus e dos bolsistas, viabilizou o funcionamento diário do Laboratório de Música e conectou os estudantes a circuitos culturais mais amplos, como o FEMUERN e o XII CONEDU.

Quanto às percepções dos estudantes, o relato evidencia que a adesão às práticas artístico-musicais é mediada pelos sentidos que os jovens atribuem a cada formato. A alta procura pela banda e a baixa adesão ao coral mostram que a oferta musical escolar precisa ser construída com os estudantes, a partir de seus repertórios e de suas formas de sociabilidade, para então ampliá-los. O resultado não desautoriza o canto coletivo na escola. Indica que ele precisa ser reapresentado em formatos, repertórios e espaços nos quais os jovens se reconheçam, trabalho de sensibilização que já vem sendo feito nas aulas de Arte/Música dos cursos técnicos integrados do IFRN campus Apodi, e que poderá despertar o interesse dos jovens pela prática vocal.

O relato evidencia ainda que as redes interinstitucionais reativam, mas não substituem, políticas permanentes de arte e cultura. A descontinuidade vivida no segundo semestre recomenda que as instituições assegurem pessoal, tempo e fomento estáveis para seus núcleos de arte.

Entre os limites desse trabalho estão o recorte de um único campus, o período curto de observação e o uso de instrumentos de inscrição que não foram concebidos para pesquisa. Estudos futuros podem acompanhar as contribuições do NUARTE para a permanência e o êxito dos estudantes, sobretudo em práticas que envolvem a parceria de extensão entre universidades, escolas públicas, projetos sociais e Institutos Federais.

Palavras-chave: Educação musical; Juventudes; Práticas artístico-musicais; Extensão; Educação profissional.

AGRADECIMENTOS

Aos estudantes do IFRN Campus Apodi, pelo entusiasmo e pela dedicação às práticas musicais. À Direção do Campus Apodi e à equipe do NUARTE, pelo apoio institucional. À Pró-Reitoria de Extensão do IFRN, pelo fomento aos projetos. Ao Departamento de Artes e à Diretoria de Educação a Distância da UERN, pela parceria e pelo incentivo à formação docente.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, José Magnaldo de Moura. Educação musical multimodal: as contribuições da pedagogia de multiletramentos na aprendizagem musical. In: BELTRAME, Juciane Araldi et al. (org.). **Práticas digitais em educação musical**: reflexões e experiências. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 79-103.

ARROYO, Margarete. Escola, juventude e música: tensões, possibilidades e paradoxos. **Em Pauta**, Porto Alegre, v. 18, n. 30, p. 5-39, jan./jun. 2007.

ARROYO, Miguel G. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BELTRAME, Juciane Araldi; BARROS, Matheus Henrique da Fonseca; MARQUES, Gutenberg de Lima. Cultura participativa digital, mídias sociais e educação musical. In: BELTRAME, Juciane Araldi et al. (org.). **Práticas digitais em educação musical**: reflexões e experiências. João Pessoa: Editora do CCTA, 2023. p. 21-38.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, n. 98, p. 44-46, 24 maio 2016.

BRASIL. Lei nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Dispõe sobre o estágio de estudantes. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 26 set. 2008a.

BRASIL. Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, 30 dez. 2008b.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, set./dez. 2003.

DAYRELL, Juarez. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out. 2007.

DIAS, Leila Miralva Martins. Interações pedagógico-musicais da prática coral. **Revista da ABEM**, Londrina, v. 20, n. 27, p. 131-140, jan./jun. 2012.

FORPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus: Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Instituições Públicas de Educação Superior Brasileiras, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FUCCI AMATO, Rita. O canto coral como prática sócio-cultural e educativo-musical. **Opus**, Goiânia, v. 13, n. 1, p. 75-96, jun. 2007.

GREEN, Lucy. **How popular musicians learn**: a way ahead for music education. Aldershot: Ashgate, 2002.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

LAVE, Jean; WENGER, Etienne. **Situated learning**: legitimate peripheral participation. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

MUSSI, Ricardo Franklin de Freitas; FLORES, Fábio Fernandes; ALMEIDA, Claudio Bispo de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 60-77, out./dez. 2021.

PAIS, José Machado. **Culturas juvenis**. 2. ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2017.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2008.

SWANWICK, Keith. **Ensinando música musicalmente**. Tradução de Alda Oliveira e Cristina Tourinho. São Paulo: Moderna, 2003.